


Resenha

Entre a estética e a política, a Literatura Comparada: a defesa de um compromisso ético

Larissa Moreira Fidalgo^{1,2} 

Resenha de:

HASSAN, Wail S. *Arab Brazil: Fictions of Ternary Orientalism*. New York: Oxford University Press, 2024

Em uma mirada teórico-crítica de conceitos como identidade, cultura, sujeito e colonialismo, o mais novo projeto de Wail S. Hassan, publicado pela Oxford University Press, *Arab Brazil - Fictions of Ternary Orientalism*, nos insere em um debate muito caro no cenário da Literatura Comparada que diz respeito aos modos de representação do culturalmente outro enquanto abertura favorável à diferença. Considerando que todo processo de construção de identidades constitui-se como um verdadeiro repositório de experiências coletivas que deveria envolver indivíduos e instituições em um processo contínuo de interpretação e reinterpretação, o que se revela nas páginas escritas pelo professor e pesquisador da Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign, é a defesa de um compromisso ético diante do contato com a alteridade, que, no contexto acadêmico da Literatura Comparada, segue a seguinte premissa: ao invés de ser a condição e o efeito de uma hospitalidade comparada, a coletividade é a própria literatura comparada.

Organizada em 11 capítulos (Oriental Wisdom: Malba Tahan and Humberto de Campos; Merchants to Landowners: Cecílio Carneiro and Permínio Asfora; Arab Bahia: Jorge Amado; Parable of Integration: Raduan Nassar; Amazonian Orient: Milton Hatoum; Feline Mermaid:

Silvio Renato Jorge
Editor-chefe dos
Estudos de Literatura

José Luís Jobim
Wail S. Hassan
Editores convidados

Recebido em: 14/01/2025
Aceito em: 06/03/2025

¹Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

²SENAI, Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: larissamfidalgo@gmail.com

Como citar:

FIDALGO, Larissa Moreira. Entre a estética e a política, a Literatura Comparada: a defesa de um compromisso ético. *Gragoatá*, Niterói, v. 30, n. 67, e66181, jan.-abr. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v30i67.66181.pt>

Ana Miranda; Islam on Primetime TV: O Clone; Shahrazad in the Tropics: Nélide Piñon; Brazilian Mu'allaha: Alberto Mussa; Al-Andalus Re-Imagined: Gilberto Abrão and João Almino; Syrian Refugees: Órfãos da terra) que colocam em cena obras literárias produzidas em diferentes temporalidades, do século XX ao aqui e agora da contemporaneidade, *Arab Brazil - Fictions of Ternary Orientalism* nos oferece uma perspectiva ainda pouco explorada acerca da construção da identidade brasileira sob a ótica da representação literária da comunidade árabe no Brasil. Desvelando a rica e complexa trama de influências e identidades que constituem a sociedade brasileira, Waïl S. Hassan destaca o papel da literatura na construção e reconstrução das narrativas culturais, nos inserindo em uma rede de interações intelectuais, políticas e históricas, a qual desafia os tradicionais paradigmas do comparatismo.

Ao abordar as intrincadas nuances da construção da identidade brasileira, com foco nas representações de imigrantes árabes e suas contribuições culturais e econômicas, o professor Waïl S. Hassan nos convida a um diálogo cerrado com autores situados nos mais diversos momentos de nossa historiografia literária, como Jorge Amado, Raduan Nassar, Milton Hatoum, Ana Miranda e Nélide Piñon, para ficarmos com alguns exemplos. Por meio de uma análise minuciosa, Hassan não apenas evidencia a importância dos árabes na rica "mistura" cultural que define o Brasil, como o próprio autor assim define, como também nos desafia a refletir sobre os processos de assimilação cultural que permeiam tais narrativas, as quais abordam desde a experiência dos imigrantes turcos no Brasil até a luta contra o patriarcado e a resistência cultural dos imigrantes.

É justamente nesse viés, portanto, que residem os principais questionamentos levantados por *Arab Brazil - Fictions of Ternary Orientalism*, a saber: como o Sul Global representa seus próprios vizinhos, sejam eles distantes ou não? Que concepções de comparação podem ser elaboradas se conectarmos literaturas do Sul Global? Como pode a comparação Sul-Sul contribuir para repensar o âmbito e os limites da pós-colonialidade?

Recuperando os ensaios de Edward Said (2007), nos quais o Orientalismo, enquanto forma de pensamento que constrói e perpetua estereótipos sobre o Oriente se faz presente, Hassan defende a necessidade de ampliação desse conceito sob uma perspectiva mais abrangente. Ao passo que o *Orientalismo*, de Said, se concentra nas dicotomias Ocidente-Oriente e colonizador/colonizado, o autor de *Arab Brazil* introduz a noção de Orientalismo Ternário para também considerar as complexas dinâmicas entre o Norte Global (países desenvolvidos) e o Sul Global (países em desenvolvimento). Trazendo à baila as hierarquias de poder e as representações mútuas entre esses polos, Hassan advoga que a ideia de Orientalismo ternário pode e deve ser compreendida como uma particularidade da constituição do Brasil, enquanto fruto de um processo histórico e cultural multifacetado, moldado não apenas em oposição ao Norte global (Estados Unidos e Europa Ocidental), mas também em diálogo com o Sul Global, que abarcaria o mundo árabe. Na perspectiva de Wail Hassan, o Brasil, embora geopoliticamente inserido no Ocidente, apresenta uma identidade cultural híbrida e diversificada, marcada pela colonização e por influências do Oriente. Essa relação com o Oriente não se limitaria a uma mera exotificação, mas se manifestaria em laços históricos, culturais e geopolíticos com o mundo árabe e islâmico, os quais contribuíram significativamente para a formação da identidade nacional brasileira. Como nos mostra o autor, tal dinâmica também pode ser observada na diferença entre os verbos *to orient*, em inglês, e *orienter*, em francês, em contraste com seus equivalentes em português e espanhol, *nortear* (literalmente, “dirigir-se ao norte”). Essa distinção refletiria, na leitura de Hassan, os mecanismos de alteridade nas construções identitárias: enquanto “o Ocidente” se diferencia do “Oriente”, a América Latina se define, em primeiro lugar, em relação ao “Norte” – e apenas ocasionalmente, e de forma secundária, em relação ao “Oriente” do Orientalismo (Hassan, 2024).

Nesse sentido, além de abordar as complexidades do Orientalismo ternário, seja nas narrativas do escritor brasileiro Milton Hatoum, as quais entrelaçam o exotismo oriental à rica cultura

amazônica, seja na representação idealizada do imigrante árabe presente na literatura selecionada de Jorge Amado, Hassan também revisita o clássico conceito de “antropofagia cultural”, que permeia o discurso sobre a identidade nacional brasileira, conforme estabelecido pela Semana de Arte, no início do século XX. Para o autor de *Arab Brazil*, há na noção de antropofagia uma violência epistêmica que não pode ser negligenciada. Em um gesto paradoxal de inclusão e exclusão, a antropofagia, na perspectiva crítica de Hassan, atua como uma força silenciadora de culturas. No caso das comunidades árabes, o autor argumenta que, enquanto a cultura árabe pode ser “devorada” e incorporada à narrativa da miscigenação brasileira, os árabes, como indivíduos, são frequentemente marginalizados e alvo de discriminação, o que revelaria a fragilidade da ideia de que a inclusão cultural leva à aceitação social plena.

O termo “mistura”, que permeia o discurso sobre a identidade nacional brasileira, por conseguinte, também está no centro dos debates levantados por Hassan, para quem o Brasil se apresenta como um país forjado pela miscigenação racial e cultural. Para o autor de *Immigrant Narratives: Orientalism and Cultural Translation in Arab American and Arab British Literature*, a relação com a cultura árabe – como parte dessa “mistura” – expõe as limitações e contradições de uma visão idealizada. Se a antropofagia modernista de Oswald de Andrade propunha, na leitura de Hassan, “devorar” as influências culturais estrangeiras para transformá-las em algo autêntico e nacional, a questão que *Arab Brazil* levanta é sobre quem pode ser devorado, ou seja, quais grupos são incorporados nessa narrativa e quais são excluídos. Como nos mostra Hassan, o *melting pot* foi considerado como o paradigma de assimilação nos Estados Unidos e no Canadá, com efeitos devastadores sobre povos nativos e outras minorias. Seja como modelo a ser seguido, canibalizado ou rejeitado, a Europa e a América do Norte têm sido referência nas concepções dominantes da cultura brasileira. No capítulo 11, mais especificamente, o autor, ao analisar as cenas de enunciação da novela “Órfãos da Terra”,

nos mostra aquilo que seria a existência de uma dissonância entre a defesa da hospitalidade e a perpetuação de estereótipos. Ao invés de promover uma visão complexa e humanizada dos refugiados árabes, a obra reforçaria clichês orientalistas e islamofóbicos, como a associação entre o Islã e a violência e a imposição de uma assimilação cultural que desconsidera a diversidade e a riqueza das tradições árabes. Sob a máscara da hospitalidade, a novela “Órfãos da Terra” perpetuaria uma lógica excludente que, ao acolher o corpo do refugiado, nega sua cultura. Essa contradição revelaria, portanto, uma ética da hospitalidade parcial, a qual reforça as desigualdades sociais e a hierarquização cultural. Desse modo, ao direcionar sua atenção para as complexidades do Orientalismo ternário e da antropofagia cultural, o autor nos convida a uma profunda reflexão sobre a construção da identidade nacional brasileira.

Ao questionar a visão normativa e homogênea de “brasilidade”, Wail S. Hassan torna evidente a exclusão da experiência árabe e nos desafia a construir uma narrativa mais inclusiva e representativa da diversidade cultural brasileira. Para o professor e pesquisador, a ideia de “mistura” pode e deve ser compreendida como “um ideal democraticamente promissor e fundamental para uma epistemologia decolonial” (Hassan, 2024), uma ferramenta analítica a ser adotada na revisão teórico-crítica de mitos nacionais de pureza étnica e homogeneidade cultural, juntamente com conceitos como hibridismo e *in-betweenness* da teoria pós-colonial anglo-americana, que frequentemente negociam entre entidades fixas.

No cenário contemporâneo dos estudos literários, fortemente marcado pelas consequências da passagem do multiculturalismo para a globalização, tais questões suscitadas ao longo dos capítulos de *Arab Brazil: Fictions of Ternary Orientalism*, ampliam o espectro da Literatura Comparada – uma ampliação que constitui a principal contribuição do livro para os estudos da área –, ao denunciarem a presença de uma universalidade construída em hierarquias, que dissimulam a pertença de determinados grupos em uma rede global inegavelmente

homogeneizante. Considerando a epistemologia decolonial, portanto, como uma condição *sine qua non* de dessacralização em direção ao estabelecimento de uma relação transversal entre culturas que denuncie as cicatrizes deixadas pela Escola Francesa de Literatura Comparada, *Arab Brazil* aponta para um viés comparatista que reflete uma urgência epistemológica: a revisão das vertentes colonialistas ou neocolonialistas e a exposição dos limites da pós-colonialidade. Afinal, se para Jacques Rancière (2009), há na base da política uma estética primeira, talvez possamos inverter essa premissa e sugerir que, na base de toda estética, reside uma política primeira que não pode ser ignorada.

Referências

HASSAN, Waïl S. *Arab Brazil: Fictions of Ternary Orientalism*. New York: Oxford University Press, 2024.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.